ARTES PLASTICAS

José Geraldo VIEIRA

A PINTURA CONCRETA

HA' na Galeria de Arte da FO-LHA uma exposição que compreende trabalhos gráficos e plásticos do grupo concretista de São Paulo. Antes de entrevistar cada elemento, queremos dar aos leitores as ideias concretistas sobre pintura, desenho e escultura. Trataremos hoje da pintura concretista. Conquanto ela não seja figurativa, também não deve ser abstrata, segundo está implícito no nome "concreto". Todavia para "existir" em ritmo com as conjunturas da época, precisa ter conteúdo, objetividade.

O ponto de início da arte concreta ainda foi inventivo, sem nascer de devaneios metafísicos, mas sim da observação do real perceptível. Pois o fim da arte não é meditação, porem ação. Portanto, implica na criação duma obra. E essa obra é essencialmente forma objetiva. O fim da arte não será a comunicação de um estado de alma através de signos desprovidos de valor autonomo; é a fabricação a mais metódica possível de objetos concretos, constituindo um sistema de sinais unitivos entre o real e o imaginário. A arte não terá como intuito analisar e influir nas modalidades do sentimento, e sim tão só explorar os meios técnicos, isto é, as formas e as cores, de modo a fundar uma pintura nova.

E essa pintura nova não será representativa de objetos utilitários nem constituirá figurações de símbolos tradicionais; constará de uma coordenação de elementos formais, evidentemente inventados, porem submetidos às leis de coesão interna da realidade percebida pelos sentidos. Creio que em síntese essa é a definição, ou melhor, a explicação do que vem a ser a arte concreta. Aprendi isso com um grande admirador de Delaunay, Larionov e Sophie Taeuber-Arp, o crítico e exegeta Pierre Francastel.

E tanto Francastel tinha razão em sintetizar assim a pintura concretista, embora se apoiando ainda em um quase figurativo como Delaunay, em um abstrato como Larionov e em uma teorica da pintura como Sophie Arp (do mesmo tipo metafísico de uma Simone Weil) que vemos na fase profícua e objetiva de Cordeiro, de Nogueira Lima e Sacilotto, por mais que a muitos observadores suas pinturas pareçam exercícios irônicos de «trompe-l'œil», vemos, repetimos, depuração, simplificação e construção, visando a criar um universo artístico, encaixado no universo real como amboceptor. Um universo (conforme me dizia ainda Francastel) mediato, de formas novas

em conformidade com a ordem humana e que possam servir de ponto de partida para um jogo livre de interpretações por parte do espectador. De acordo com aquela afirmativa, insistia ainda o crítico que tal arte deve ser de criação e não de estilização, implicando, necessariamente, na existência de um novo repertório de sinais (ou melhor, de objetos figurativos ou pelo menos geometricamente acessíveis ao hábito da nossa visão, sempre acostuada com analogias). Sinais ou formas suficientemente estáveis e coerentes, de modo a isso suscitar a atenção do observador e provocar nele um jogo de reflexão que determine uma atividade «fabulatrice», dirigida. Que determine não uma intuição imediata, e sim, uma atividade de leitura, uma compreensão a-

tiva, já agora, do mesmo modo que ocorreu antes com todas as artes realmente constituídas.

Elementos que ajudam esse jogo de compreensão (elementos fornecidos pelo artista): qualidades materiais, forma, cor, movimento, espaço, apresentados agora numa chave beaverista, atual, orgânica e funcional, ontológica e estética, mas sempre dentro dum sistema fenomenológico e vivencial. Uma nova linguagem integral da forma colorida e objetiva, tendo porem valores espirituais. Creio que ninguém explicou melhor a pintura concretista do que Pierre Francastel ao tratar ainda... de Delaunay. Valho-me dele, para esta introdução às entrevistas a que submeterel os pintores concretistas, depois os desenhistas e, por fim, os escultores.

arte contemporânea